

Vênus nos espelhos – Fernando Codeço

Com sua célebre *Olympia* (1863) Manet profana as normas vigentes do nu, tornando o corpo feminino *material* e desejável. Sobre uma cama que ocupa toda a cena, funcionando praticamente como pedestal ou vitrine, a mulher – evidentemente uma prostituta – fita o espectador de forma desafiadora: se seu corpo tornou-se um objeto de compra, ela é senhora das possibilidades de seu usufruto. Nos primórdios da vida moderna (Baudelaire afirmou que com *Olympia* Manet abria o ciclo da decrepitude – leia-se dessublimação – da pintura), o pintor, que morreu no mesmo ano que Marx, aponta ao mesmo tempo para o fetiche da mercadoria e para o fascínio pelo Outro (“Eu é um outro”, escreveu Rimbaud). Na voragem da ultramodernidade contemporânea, a relação proposta por Manet é pouco. Informado pela *Antropofagia* (estamos no brasileiríssimo Rio de Janeiro, cidade que Manet visitou aos 17 anos), Fernando Codeço atravessa e rompe (ou melhor, coloca em questão) filtros de mediação e representação e literalmente sobe na cama com suas *Olympias*, que neste caso problematizam e deixam em suspenso a própria noção de mulher (são travestis), para o mais próximo possível de seu objeto e desejo, no embate corpo-a-corpo, na troca de gestos, olhares e palavras, extrair uma nova e talvez reveladora imagem de si mesmo (daí o recorrente uso de espelhos). Se o feminino encarna o fugaz e o inapreensível (a dupla clara/escuro face da mercadoria, dos espelhos, dos destinos...) da existência, Codeço, com sua produção material de desenhos, fotografias e sudários, sabiamente mantém-se no campo da arte (no campo da suspensão), para afirmar – como um pastor ao crepúsculo – não exatamente o que existe, com toda sua complexidade e ambivalência, mas o próprio dispositivo de produção de complexidades e ambivalências.

Renato Rezende